

# MACHO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i25p314-317>

Pedro Matias<sup>1</sup>

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Senhor José encontrou-se em sua cômoda metamorfoseado numa mulher velha. Estava sentado sobre suas nádegas ossudas como joelhos e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu rosto coberto de pó: tinha certeza de que algo estava errado. Ele se corrigiu: quase certeza. Passou um batom vermelho e, cantarolando, caminhou até o guarda-roupas.

— José, por que está mexendo nas minhas roupas? — Ele se vira — Ahhh! Quem é você?

— Deixa de ser boba! Iria ser quem?

— José?

— Me chama agora de Mafalda.

— Mafalda?

— É, ou você prefere Laura? Ainda não me decidi.

Alda Regina, 73 anos, pega o telefone e consegue ligar depois de errar algumas vezes o número: só devia ligar em caso de emergência. A voz do outro lado não escondia um bocejo quando atendeu:

— Mãe, quando vai aprender a mandar mensagem?

— Me escuta, Silvana, você e o Fábio venham pra cá agora: seu pai não está bem.

— Ah, meu deus?! O que ele tem? É infarto?

— Muito pior. Vem pra cá agora — a voz saiu aguda e longa, um ganido de mulher.

— Alda? Para quem você está telefonando? — O que ele iria fazer? — Ora, estou escolhendo vestido. Você prefere este rosado, ou o aquele florido?

— José, você está maluco?

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

— Tem razão, né? Rosa não fica bem com meu tom de pele: vou pegar o florido. É tão difícil isso de escolher um vestido, Alda.

Quando Fábio e Silvana chegaram, José já estava de vestido florido, plataforma prateada mal enfiada nos pés, e abria um vidro de lip tint.

— Não era para ter um pincelzinho aqui dentro?

— Seu José, o senhor está de sandálias?

— Mais ou menos, né, Fábio? Tua sogra, a outra, calça 38, então fiquei com os dedos todos para fora: tô parecendo aquelas irmãs da história que a tua mulher gostava, quer dizer, sua esposa, minha filhinha.

— Pai?

— Meu amor, me chama de mãe.

— Mãe? — Silvana pergunta, de olhos arregalados, virando a cabeça para a mãe.

— Quê? — um coro de velhas.

— José? — Desta vez, foi Alda a perguntar.

— Já disse que prefiro Laura.

— Laura? — Perguntam Fábio e Silvana.

— Ou Mafalda, ainda não me decidi. De qual vocês gostam mais?

Já na sala, todos estão sentados em círculo, sem dizer nada por alguns segundos, enquanto Laura, ou Mafalda, tentava pintar as unhas com o que ele tinha certeza de que não deveria ser o melhor aplicador para um esmalte.

— Pai, você está passando lip tint nas unhas?

— O que é lipe tinte?

— É esse batom aí.

— Achei que era esmalte: é tudo mais confuso do que parece. Deveria ter prestado mais atenção quando sua mãe se arrumava: era por isso que vocês sempre estavam atrasadas.

— Vamos chamar uma ambulância, Fábio.

— O que você tem, minha filha?

— Pai!

— Mãe!

— Temos que levar o pai pro hospital, Fábio. Isso é algum tipo de surto.

— Que surto, minha filha? Eu só decidi que agora sou mulher.

— É mulher, seu José? — Pergunta, Fábio, finalmente retomando a fala: Alda continua, a uma poltrona de distância, rezando com o rosário na mão.

— É, como vocês chamam? Não é mais traveco que chama.

- Tu quer dizer trans, pai?
- Já disse que é Mafalda, minha filha.
- Ou Laura — completa Fábio.
- Ou Laura! — anima-se Mafalda ou Laura.
- Não incentiva o surto, Fábio! — ralha Silvana.
- Ave Maria, cheia de graça... — Alda.
- Mas é isso mesmo, trans!
- Pai, o senhor não pode deixar a mãe.
- Tu está louca, minha filha? Eu sou casada há 52 anos com sua mãe.

Ela é o amor da minha vida.

- Tu não virou viado, pai?
- Claro que não. Virei mulher: não é a mesma coisa.
- Não? — pergunta Silvana, olhando para o marido.
- Tecnicamente, ele seria uma mulher trans lésbica.
- Fábio, cala essa sua boca!
- Mas eu gostei, minha filha, acho que é isso mesmo, como é, Fábio?

Mulher lésbica?

- Mulher trans lésbica, dona Mafalda.
- Fábio!
- Você prefere Mafalda?
- Para de incentivar, Fábio. Papai sempre disse que você tinha pinta de viado. Você tá adorando isso, né? Vai a merda, Fábio.
- Eu tenho pinta de viado? — Fábio olha para Mafalda, e Silvana contém um grito de ódio e vai às lágrimas.
- Pai, para com isso! Você está assustando a mamãe.
- ... meu zeloso guardador ...
- Para com isso, Alda! Tu só vai em igreja para missa de sétimo dia.
- Alda reza mais alto.
- Mas Dona Mafal... — olhar furioso de Silvana — Seu José, o que você pretende com isso se não vai se separar da dona Alda.
- Ora, nós vamos juntos, juntas, no clube de leitura, no crochet, nos chás. No cinema não, que eu durmo, mas daí posso ficar em casa aprendendo a cozinhar.
- ... amém.... você não cozinha, José.
- Por isso disse aprendendo, Alda, mas me chama de Mafalda, que o Fábio prefere.
- Mafalda?


- É! Até rima, Alda e Mafalda!
- Pai! E o que os seus amigos vão pensar?
- Que amigos, minhas filha? Se eu quero ver amigos, tenho de abrir no obituário do jornal. E até lá estão começando a faltar, porque já frequentaram muitos. — Silvana dá uns puxões na manga do marido em direção ao pai, ou mãe.
- Mas e ir ver o futebol na pastelaria da esquina, seu José? O senhor ama futebol.
- Ninguém gosta de futebol, Fábio. Todo mundo sabe.
- Eu gosto!
- Gosta, nada, Fábio! A gente acaba falando de futebol porque ou é isso, ou fica todo mundo em volta de uma mesa, esperando uma mulher passar, para comentar o corpo dela, morrendo de medo de alguém escutar e contar para nossas esposas, Fábio. A gente passa o dia todo aguentando chefe e fingindo que não sente nada. Lá pelas tantas, a gente dobra, e vira macho. Não tem nada para falar, porque homem não fala; nada para fazer, porque homem trabalha ou fode, e a gente não aguenta, Fábio; a gente não é nada: só um empregado, Fábio. Por isso, agora eu sou mulher: mulher é desdobrável.
- Eu creio em Deus pai...

Recebido em 9 de abril de 2021  
Aprovado em 13 de julho de 2021

Pedro Matias

Licenciado em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Tem especialização em Literatura Brasileira com Ênfase em Escrita Criativa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestrado acadêmico em Literatura Brasileira na mesma instituição. Professor de Literatura e Língua Portuguesa na Pan American School de Porto Alegre. Atuou em diversos projetos de militância pela educação, sendo fundador e ex-coordenador do EMANCIPA-RS.

Contato: [pmatias@gmail.com](mailto:pmatias@gmail.com)

: <https://orcid.org/0000-0001-6400-3399>

A Revista Desassossego utiliza a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – [Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International \(CC BY-NC-ND 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.